

Diversidade de gênero na computação: impactos das ações de enfrentamento à baixa presença e evasão das mulheres na graduação da área

Marianna Lima¹, Luciana C. Salgado¹

¹Instituto de Computação, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói - RJ, Brasil

mariannalima@id.uff.br, luciana@ic.uff.br

Abstract. *This paper examines gender disparity in the representation of women in undergraduate Technology programs and related fields. Focusing on the Federal Fluminense University, the study primarily investigates the impact of initiatives aimed at addressing the low participation and high attrition rates of women in these programs. The research adopts a mixed-methods approach, combining a quantitative analysis of admission, retention, and graduation data with a qualitative analysis of female students' perspectives on the challenges and motivations associated with pursuing undergraduate degrees in Technology.*

Resumo. *O presente artigo explora a problemática da disparidade de gênero no que se refere à ocupação de espaços por mulheres nas graduações de Tecnologia e suas áreas correlatas, tendo como objeto central de estudo uma investigação dos impactos das ações de enfrentamento à baixa presença e evasão feminina no contexto da Universidade Federal Fluminense. A metodologia de pesquisa, de natureza mista, engloba a análise quantitativa com ênfase em dados estatísticos acadêmicos de ingresso, retenção e conclusão e a análise qualitativa baseada na percepção individual das discentes sobre seus desafios e motivações relativas ao bacharelado.*

1. Introdução

No imaginário popular, reproduzem-se fielmente os papéis de gênero e as relações sociais. Nesse contexto, evidencia-se a masculinização dos campos das STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). Trata-se de uma configuração socio-histórica que reforça estereótipos: às mulheres cabem os trabalhos considerados subalternos, associados ao cuidado e à família; aos homens, o raciocínio lógico, a matemática e as profissões tidas como de maior exigência intelectual e prestígio social. Esse prisma dicotômico limita as aspirações profissionais de ambos os gêneros, criando um cenário em que prevalecem concepções tradicionais sobre os encargos de cada gênero, em detrimento das habilidades, interesses e talentos individuais.

De Lira (2021) aponta que atributos socialmente impostos às mulheres, como fragilidade, docilidade e maternidade, reproduzem barreiras à sua inserção em áreas como Exatas, condicionando-as a buscar profissões ligadas ao cuidado e afastando-as progressivamente de campos que envolvam Lógica e Matemática. Essa configuração sociocultural de exclusão feminina das áreas exatas e ameaça por estereótipos e viéses implícitos se propagam para o ensino superior [Barino et al. 2024].

Um levantamento da [NEXUS 2025], a partir de dados do Inep, constatou que, em 2023, 74% dos ingressantes em STEM eram homens e apenas 26% mulheres. Apesar do crescimento de 29% no número de mulheres em ciências exatas e biológicas, o de homens cresceu 56% no mesmo período, ressaltando uma disparidade persistente.

Diante da persistente sub-representação feminina nos cursos de STEM, a pesquisa investigou o impacto das iniciativas de enfrentamento à desistência feminina na Universidade Federal Fluminense (UFF), abrangendo desde os dados coletivos até as percepções individuais das estudantes. Para isso, adotou-se metodologia mista: quantitativa, com métricas de ingresso, cancelamento e formação por curso, gênero e raça; e qualitativa, por meio de entrevistas com alunas de diferentes períodos sobre suas paixões, dificuldades e opiniões sobre as ações extensionistas. Os resultados evidenciam a importância dessas ações na atração e retenção feminina, pela criação de redes de apoio e senso de pertencimento, e revelam taxas de evasão similares entre os gêneros, com desafios agravantes para as mulheres, como a síndrome da impostora e situações de machismo.

Os tópicos subsequentes estão organizados da seguinte forma: trabalhos relacionados em 2, metodologia em 3, análise quantitativa em 4 e análise qualitativa em 5, concentrando, respectivamente, dados da STI e do Prograd, e relatos de estudantes do cursos de graduação presenciais do Instituto de Computação da UFF (ICUFF) sobre o impacto das ações de retenção feminina.

2. Trabalhos Relacionados

Estudos investigam o abandono feminino em cursos de Ciências Exatas e os efeitos de ações de extensão voltadas ao incentivo feminino na área da Tecnologia. [Coelho et al. 2024] relatam o impacto positivo que o projeto Bits de Ada teve no fomento ao ingresso feminino no Bacharelado em Ciência da Computação do Instituto Federal do Maranhão e, principalmente, na retenção e no desenvolvimento profissional das estudantes. Em oposição, [Sales et al. 2017] retratam a constância da alta evasão de mulheres em cursos de graduação de exatas no cenário regional, mostrando que medidas de representatividade na Paraíba ainda careciam, à época, de resultados significativos no que tange ao desenvolvimento de ações efetivas de permanência.

Ademais, em pesquisas como a de [Barino et al. 2024], que aborda experiências tecnológicas na educação básica e no ensino superior, e a de [Medeiros et al. 2024], que relata o ensino de robótica e programação em escolas públicas junto a um programa de bolsas no CEFET-RJ, percebe-se a importância de redes femininas e projetos que protagonizem as mulheres na tecnologia. Por fim, [Moreira et al. 2024] apresentam conceituações teóricas e implementações reais que expõem como projetos de incentivo no ensino superior, como o Meninas++, promovem inclusão e empoderamento por meio de *hackathons*, rodas de leitura e *workshops*.

Também há estudos que investigam programas estruturados e contínuos. [Santos et al. 2025] analisam o programa MinasCoders considerando dimensões como atração, motivação, fixação e ascensão de mulheres na área de TI, indicando que ações combinadas de formação, mentoria e engajamento podem apoiar diferentes etapas da trajetória das participantes.

Em conjunto, esses estudos evidenciam o potencial de ações educacionais e extensionistas para promover a inclusão de meninas e mulheres na Computação. Essas pesqui-

sas indicam a necessidade de mais investigações que examinem o impacto de diferentes iniciativas localizadas em diferentes regiões do Brasil.

3. Metodologia

Este estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: “Quais os impactos das ações de enfrentamento à baixa presença e evasão feminina nas graduações presenciais do ICUFF nas estudantes?”. Para tanto, adota-se uma metodologia de natureza mista, que combina abordagens quantitativas e qualitativas. Esta escolha justifica-se por permitir uma análise abrangente do fenômeno, unindo a objetividade dos dados estatísticos de ingresso e retenção à profundidade das percepções e experiências individuais das discentes.

A etapa quantitativa da pesquisa concentrou-se na coleta e análise de dados acadêmicos, obtidos pelo Portal de Indicadores da Graduação (Prograd) e junto à Superintendência de Tecnologia da Informação (STI). Foram acessados dados de ingresso, cancelamento e conclusão das alunas nos cursos de bacharelado em Sistemas de Informação (SI) e Ciência da Computação (CC) entre 2019 e 2024. A partir desses dados, foram elaborados gráficos e realizadas investigações estatísticas para a identificação de padrões e tendências na participação e permanência de mulheres nos cursos, bem como para avaliar a eficácia das ações de retenção.

Para aprofundar a compreensão das experiências das estudantes, a análise qualitativa foi conduzida por meio de um grupo focal, uma técnica de pesquisa que facilita a exploração aprofundada de um tema em um ambiente de discussão colaborativa [Flick 2009]. Para a realização do grupo focal, foi criado um formulário online para a seleção das participantes e para coleta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O objetivo era recrutar alunas de diferentes períodos e cursos (Sistemas de Informação e Ciência da Computação) que tivessem ou não participado de atividades promovidas pela iniciativa do *Include Meninas UFF*, um projeto de extensão do ICUFF que promove ações de inserção de mulheres na Computação, permitindo uma visão mais diversificada.

Com as 17 participantes selecionadas, foi elaborado um roteiro semiestruturado, utilizado para guiar a discussão em uma reunião online gravada através da plataforma Google Meet. Antes do início das entrevistas, os cuidados éticos descritos no TCLE quanto aos objetivos e benefícios da pesquisa e, quanto ao respeito à privacidade das participantes foram reforçados.

Posteriormente às entrevistas, os áudios foram transcritos para uma análise minuciosa. Assim, as falas foram categorizadas por tópicos relevantes, como motivações para a escolha do curso, desafios enfrentados, senso de pertencimento e a percepção sobre o impacto das ações de suporte. A interpretação desses resultados permitiu captar as nuances das experiências individuais, oferecendo um panorama rico sobre os desafios e as motivações das mulheres nesses campos, complementando os dados estatísticos.

4. Análise Quantitativa

A requisição de dados e a escolha do período de análise tiveram por objetivo observar o comportamento dos índices de ingresso, cancelamento e formação dos estudantes a partir de 2019, quando o projeto já contava com três anos de atuação e impactos observáveis,

uma vez que os dados perpassariam pelo período de consolidação do grupo e de impactos percebidos nos anos mais recentes.

Nessa configuração, a primeira coleta de informações se relacionou ao levantamento de dados sobre a distribuição de gênero no ingresso dos cursos de graduação em Tecnologia. Com a análise dos dados demográficos dos ingressantes, representados pela Figura 1, revelou-se um cenário de desequilíbrio de gênero, caracterizado por uma entrada de homens 5,8 vezes superior à de mulheres, minoria que representa aproximadamente 14,6% do total de entrada.

Em detalhe, constatou-se que o pico de entrada masculina ocorreu no ano de 2019, com 268 ingressantes masculinos, enquanto o menor número foi registrado em 2024, com 214. Notavelmente, esse mesmo ano se destaca pelo pico de 63 ingressantes femininas, com 36 estudantes sendo de Ciência da Computação (CC) e 27 de Sistemas de Informação (SI), revelando um cenário de crescimento da participação feminina nos respectivos bacharelados.

Quantidade de Ingressantes em Ciência da Computação e Sistemas da Informação por Gênero (2019 - 2024)

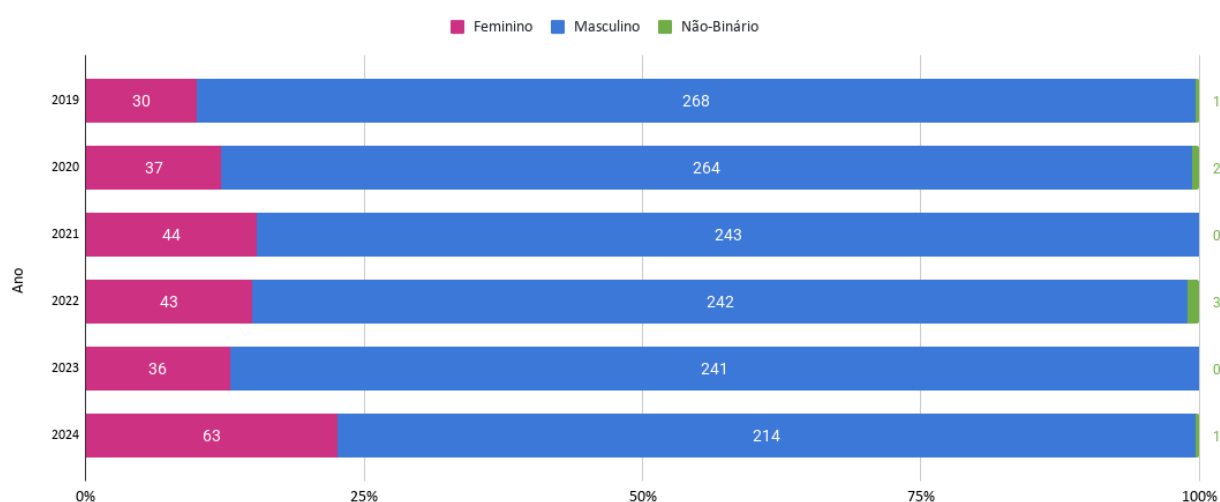


Figura 1. Quantidade de Ingressantes nos cursos por gênero

No contexto geral, afere-se que a distribuição de mulheres entre os cursos de Ciência da Computação (CC) e Sistemas de Informação (SI) demonstra uma paridade notável, com 51,7% e 48,3% das ingressantes, respectivamente, havendo a averiguação de uma diferença significativa entre os números femininos e os masculinos em ambas as graduações.

No que diz respeito ao perfil sociorracial das mulheres ingressantes, e considerando que o conjunto de dados públicos (Prograd) utilizado nesta análise não discrimina a autodeclaração étnico-racial, recorreu-se à distribuição registrada nos dados do STI (n=235) para estimar proporcionalmente o perfil das 253 alunas identificadas, com intervalo de confiança de 95%. Com base nessa projeção, estima-se que aproximadamente 53,6% se autodeclaram brancas, seguidas por 28,5% pardas, 6,4% pretas, 2,6% negras e 1,3% amarelas, havendo 7,7% de não declaração. Esse panorama ressalta a necessidade de aprofundamento no setor de diversidade e inclusão, com um olhar voltado ao aspecto

interacial integrado à pauta feminina, possibilitando que mulheres de distintas classes, etnias e condições socioeconômicas ocupem posições no corpo discente.

O segundo tópico de investigação se relaciona à quantidade de estudantes que cancelaram suas matrículas. Considerando o total de cancelamentos registrados entre 2019 e 2024, os homens respondem por 87,5% das desistências absolutas (520 cancelamentos), enquanto as mulheres correspondem a 12,5% (74 cancelamentos). Contudo, ao se calcular a taxa de desistência proporcional ao número de alunos ativos em cada ano, as diferenças entre os gêneros se atenuam consideravelmente: a taxa acumulada feminina é de 7,1% e a masculina de 6,9%, uma diferença de apenas 0,2 pontos percentuais. Isso indica que, em termos relativos, a propensão à desistência é similar entre os gêneros quando controlada pelo tamanho de cada grupo.

Ao desagregar por curso, a disparidade mais relevante emerge na comparação entre CC e SI para o público feminino. Das 74 mulheres que cancelaram a matrícula entre 2019 e 2024, 50 estavam em CC (67,6%) e apenas 24 em SI (32,4%), uma diferença de mais de duas vezes entre os cursos. Em termos de taxa acumulada, CC feminino registrou 10,1% de evasão contra 4,4% em SI feminino, a maior discrepância proporcional observada em toda a análise. Entre os homens, a diferença entre cursos é menos pronunciada: 8,8% em CC contra 4,9% em SI. Ou seja, CC concentra abandono feminino proporcionalmente maior do que o masculino, sugerindo que as barreiras de permanência nesse curso incidem de forma mais severa sobre as mulheres.

Essa concentração de desistências em CC pode estar associada a fatores estruturais e culturais. Enquanto SI oferece currículo mais aplicado, turno noturno e menor nota de corte, condições que favorecem a permanência de estudantes que precisam conciliar trabalho e graduação, CC exige dedicação, em turno integral, a fundamentos teóricos densos em matemática e algoritmos. Para as mulheres, os relatos qualitativos (seção 5) indicam que barreiras culturais somam-se às acadêmicas, agravando a evasão nesse curso especificamente.

No que tange ao perfil étnico-racial das desistências femininas, os dados relatam que, entre as alunas que cancelaram no ano de ingresso, 59,6% eram brancas e 40,4% autodeclaradas pardas. Esses valores são estimativas projetadas a partir dos dados do STI, sujeitas à margem de erro.

A ausência de mulheres pretas, negras e amarelas nos registros de cancelamento no ano de ingresso não deve ser lida como ausência de vulnerabilidade, mas possivelmente como ausência de ingresso. Sob a perspectiva interseccional de [Santos 2005], gênero e raça operam de forma sobreposta, sugerindo que esse grupo enfrenta barreiras anteriores ao próprio acesso, tornando-se invisível nas estatísticas de descontinuidade acadêmica e evidenciando que políticas de cotas, isoladamente, não garantem permanência.

As análises sobre a conclusão dos cursos de Ciência da Computação (CC) e Sistemas de Informação (SI) na instituição demonstram uma clara diferença de gênero. Do total de 78 mulheres formadas, a maioria (cerca de dois terços) concluiu o curso de SI, enquanto apenas um terço se formou em CC. Isso mostra que o curso de Sistemas de Informação tem uma maior capacidade de retenção de estudantes do gênero feminino até a formatura.

O contraste é ainda mais acentuado ao comparar as formaturas por gênero. A

Quantidade de Desistentes em Ciência da Computação e Sistemas da Informação por Gênero e Curso (2019 - 2024)

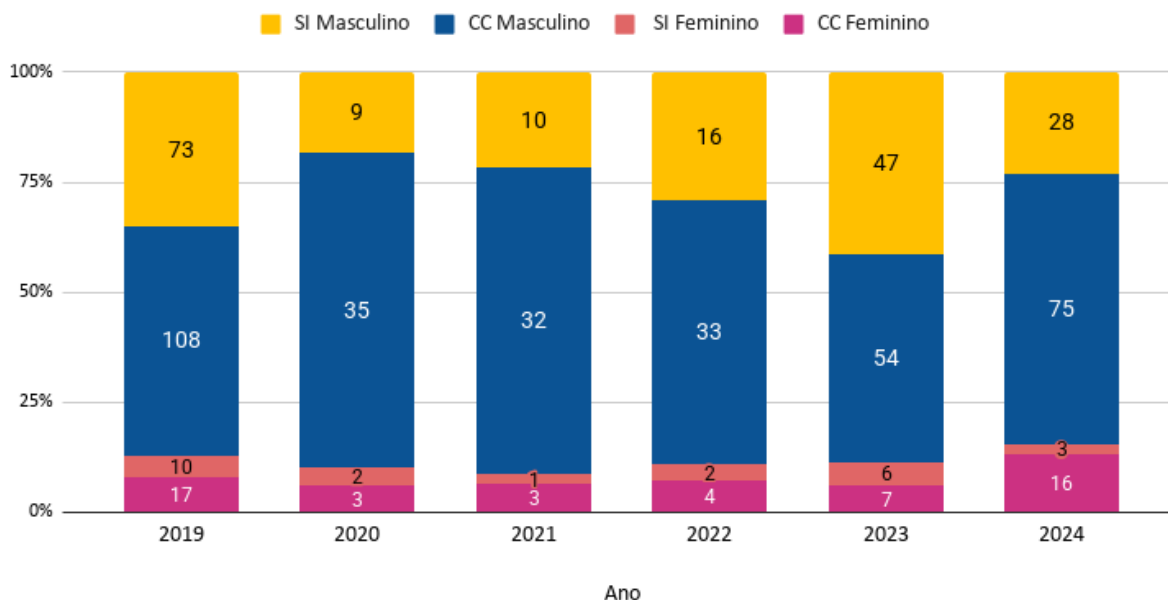


Figura 2. Quantidade de estudantes que cancelaram matrícula nos cursos por gênero e curso

quantidade de homens que se formam é, em média, 4,7 vezes maior do que a de mulheres. Em um dos anos analisados, essa diferença chegou a 16x mais homens do que mulheres formadas. Apesar das flutuações, o número de formandas se mantém relativamente estável, enquanto o de formandos do gênero masculino apresenta uma leve tendência de crescimento. Isso ressalta a predominância masculina na área e a necessidade de políticas de incentivo para a permanência feminina.

Os dados quantitativos descrevem o fenômeno, mas não o explicam. A proximidade entre as taxas de evasão feminina e masculina poderia sugerir equidade de condições, uma leitura que se desfaz ao considerar que as mulheres enfrentam barreiras adicionais invisíveis aos números. Da mesma forma, a concentração desproporcional de abandono feminino em CC não é acidental. Esses nexos entre dado e experiência são aprofundados na seção seguinte, que traz as vozes das próprias estudantes como chave interpretativa para os padrões aqui identificados.

5. Análise Qualitativa

Compreender os paradigmas sociais que perpetuam o cenário estudado exige ir além dos dados coletivos e investigar as experiências individuais das estudantes. Por isso, foram contactadas alunas dos cursos presenciais do ICUFF, com o objetivo de iluminar suas vivências acadêmicas e contribuir para o aprimoramento das ações do Include Meninas e demais projetos de incentivo à participação feminina nas exatas.

Nas entrevistas, buscou-se inicialmente compreender as motivações para a escolha da área, as ambições de carreira e as afinidades com a grade curricular. Em seguida, fo-

ram abordadas as dificuldades enfrentadas durante o curso, as vivências universitárias e a influência das ações de extensão, em especial o Inclui Meninas, na trajetória profissional e pessoal das participantes.

5.1. Escolhas e afinidades profissionais

Nesse primeiro tópico, verificou-se que o primeiro contato com a programação e o código, fora do ambiente escolar tradicional, é um ponto de inflexão para as estudantes. Em diferentes entrevistas, menciona-se a realização de um minicurso online de Python como ponto de primeiro contato e de interesse pela área, ilustrando como iniciativas, cursos e workshops que introduzem a tecnologia podem ser eficazes na construção da pretensão de carreira.

Além disso, as entrevistas revelam que o interesse por lógica e matemática durante a educação básica foi um dos principais motivadores para a procura por graduações na área de ciências exatas. Outros fatores de ingresso citados incluem a forte influência do círculo social, a flexibilidade e dinamismo do mercado de trabalho e a redescoberta pessoal, marcada pela transição entre cursos.

No que tange às ambições de carreira, vê-se que as alunas buscam diferentes atuações, com destaque para Desenvolvimento de Software, Dados, IA, Segurança da Informação e Governança em TI. Esses campos, que exigem tanto conhecimento técnico quanto uma visão sistêmica, atraem as estudantes que buscam novos desafios e desenvolvimento de carreira, seja no setor público ou privado.

5.2. Dificuldades e Rotina Acadêmica

Apesar do entusiasmo inicial e da paixão pela área, a jornada acadêmica das mulheres é marcada por desafios mais subjetivos e contextuais do que puramente técnicos, abrangendo campos curriculares, pedagógicos, emocionais e ambientais.

As pressões sociais e de gênero afetam diretamente a dedicação aos estudos, uma vez que as mulheres frequentemente conciliam exigências acadêmicas com responsabilidades domésticas e de cuidado, em contraste com a realidade de muitos colegas do sexo masculino. Essa dupla jornada impõe uma carga de trabalho invisível que compromete o desempenho e o bem-estar [Hirata e Kergoat 2007].

Entre os obstáculos internos, o sentimento de inadequação é o mais mencionado: a percepção de defasagem leva ao desenvolvimento da síndrome da impostora, em que a pessoa teme constantemente ser descoberta como fraude no âmbito intelectual. Esse peso é agravado pelo ambiente da CC que é descrito pelas entrevistadas como o mais hostil e onde se concentram 67,6% dos cancelamentos femininos.

O ambiente acadêmico, marcado pela hegemonia masculina, constitui um desafio estrutural. A escassez de representatividade é agravada por manifestações de machismo que, embora sutis, comprometem a autoconfiança e o pertencimento, levando a uma constante pressão para se provarem. A disparidade de gênero também dificulta a socialização, expondo mulheres à exclusão e ao questionamento de suas capacidades. Ademais, a persistência de estereótipos manifesta-se na atribuição de papéis de suporte, como ser relegada à função de "secretária" por colegas que, paradoxalmente, reconhecem sua capacidade cognitiva, desviando o foco da competência feminina para funções acessórias.

Apesar dos desafios, as estudantes demonstram notável resiliência, transformando adversidades em produtividade e estabelecendo laços com outras mulheres. Redes de apoio como o Include Meninas servem como contrapontos ao ambiente opressor, oferecendo comunidade e validação, e mostrando que essa experiência, com suas dificuldades e triunfos, é compartilhada.

5.3. Sobre o Projeto de Extensão Include Meninas

O Include Meninas, fundado em 2016 no Instituto de Computação da Praia Vermelha, atua em contraposição à disparidade de gênero na tecnologia por meio de medidas voltadas ao público feminino em distintas segmentações institucionais, com foco no aprimoramento de habilidades, na desconstrução de estereótipos e na criação de vínculos comunitários. Em 10 anos de atuação, o projeto conectou 7.000+ pessoas nas redes sociais, alcançou 1.000+ discentes mulheres e foi aprovado em 13 editais de fomento (PROEX-UFF, FA-PERJ e CNPq).

Nesse contexto, o Include Meninas exhibe sua força na capacidade de ser ativo na transformação do espaço físico-mental, socialmente estruturado, que suprime o potencial existente no desenvolvimento científico integrado à diversidade e balanço de gênero. Sob esse aspecto, as ações voltadas à permanência de mulheres nas graduações concentram-se em quatro atividades centrais: rodas de conversa, bolsas de estudo, workshops e acolhimento de calouras.

5.3.1. Rodas de Conversa

As rodas de conversa são práticas horizontais de compartilhamento de conhecimento e experiências, em que os envolvidos têm democraticamente a oportunidade de se expressar e ter voz ativa na discussão da temática proposta, unindo à experiência o exercício da escuta e da empatia. Por essas motivações, o Include Meninas utiliza-se desse formato, presencialmente ou virtualmente, para reunir homens e mulheres das áreas de STEM em um mesmo espaço de diálogo sobre temas relativos à figura feminina na computação, como estigmas de gênero, desafios no mercado de trabalho e histórias de sucesso das profissionais que atuam no setor.

Esse ambiente objetiva trazer as próprias discentes como centro dos debates, valorizando seus pensamentos individuais e capacidades, e simultaneamente reiterar a existência de uma comunidade feminina, quebrar com vieses negativos construídos socialmente e trazer representatividade e conexão através da mediação da roda por profissionais mulheres que atuam no eixo da ciência e tecnologia.

Na investigação da consequência desses atos, as participantes da entrevista relataram, consensualmente, que a troca de experiência vivenciada, apoio durante a conversa, o espaço livre de julgamentos e o ambiente majoritariamente feminino da roda formam sentimentos positivos sobre o meio acadêmico e sobre si mesmas.

”Eu participei de uma roda de conversa, acho que foi no passado, ou foi retrasada, foi por aí. E realmente assim, se entrar num ambiente com muitas mulheres, traz um acolhimento sem igual, principalmente estar acostumado com o contrário, né?”

Para ampliar esse alcance, adotam-se como estratégias pedagógicas o modelo presencial e remoto (em média 3 vezes ao ano), a mediação dos temas por docentes da UFF e mulheres atuantes no mercado de trabalho, a utilização de uma linguagem neutra e acessível e a divulgação em veículos de comunicação da UFF e do projeto, como e-mails e redes sociais. Essas preocupações visam levar os estudantes (homens e mulheres) a participar constantemente, integrar diferentes recortes e perseverar nos estudos por meios da representação por modelos de sucesso.

”E ela falando exatamente, tipo, a mulher lá em Harvard falando das experiências machistas que ela teve tanto na faculdade quanto no trabalho. Só serviu para me motivar mais ainda, porque tipo, é a realidade de mulheres no mundo todo. Não tem o que fazer, principalmente num curso de exatas e ela foi contando a história dela, a trajetória de como ela conquistou o espaço dela.”

5.3.2. Bolsas de Estudo e Workshops

O Include Meninas oferece bolsas de estudo oriundas de programas de fomento como PROEX-UFF, CNPq e FAPERJ, destinadas a iniciações científicas que integram temáticas de diversidade, inclusão e empoderamento. Essas bolsas incentivam o aprofundamento nos estudos, a curiosidade científica e a produção acadêmica, como ilustra o relato de uma extensionista que, ao desenvolver um artigo sobre o acolhimento de calouras, teve seu trabalho aceito no WIT e realizou sua primeira viagem de avião para apresentá-lo em São Paulo.

Complementarmente, os workshops estimulam o entusiasmo por novas ferramentas e linguagens de programação, sendo ministrados regularmente por mulheres, o que permite que as estudantes tirem dúvidas sem o receio de sofrer depreciação. Desde o início do projeto, foram realizadas atividades sobre criação de jogos com Godot, scripts em Python, linguagem C, circuitos eletrônicos e monitorias de matemática. Juntas, bolsas e workshops atuam sobre dimensões complementares da permanência: a primeira fortalece o vínculo institucional e a identidade científica; a segunda amplia o repertório técnico em um ambiente seguro e representativo.

5.3.3. Acolhimento das Calouras

O acolhimento é uma ação de recepção das ingressantes dos cursos de Ciência da Computação e Sistemas de Informação da UFF, na qual há a apresentação das propostas e finalidade do projeto Include Meninas, a apresentação da instituição e uma demonstração de apoio pelo corpo docente e discente. Nessa situação, o intuito é trazer conforto e evidenciar a existência de um conjunto feminino interessado no universo das ciências tecnológicas, dirimindo a sensação de solidão em espaços masculinizados.

”No meu primeiro período, eu tive a sorte de ser convidada para uma palestra que ia acontecer na semana de acolhimento dos calouros. Foi uma experiência muito legal porque a quantidade de homens que eu tinha visto em sala simplesmente sumiu e a sala era só mulher e eu me senti muito acolhida por todo mundo.”

Ao final de cada uma das iniciativas, foi enviado para as participantes, por e-mail, um formulário com perguntas sobre a qualidade do conteúdo abordado, avaliações gerais

e sugestões de aprimoramento para as próximas sessões. Essa retrospectiva permite uma visão holística dos acontecimentos e a melhoria contínua do grupo para o desenvolvimento futuro.

Além disso, durante o grupo focal, as estudantes de CC e SI indicaram propostas para o *Include Meninas*, como a maior divulgação das ações do grupo e a implementação de um amadrinhamento, o que confirma o desejo de que essa iniciativa continue a crescer e a alcançar cada vez mais mulheres.

O amadrinhamento consiste na conexão de ingressantes a alunas veteranas, por meio dos canais de comunicação do projeto, para mentoria nos períodos iniciais da graduação, com orientação sobre sistemas institucionais, disciplinas e suporte emocional. Embora a *Atlética de CC-UFF* já incentive o apadrinhamento, as entrevistadas relataram preferir mulheres como guias, por gerarem maior conforto e segurança. Essa proposta, ainda não implementada pelo *Include Meninas*, representa uma direção concreta para ampliar seu alcance.

6. Conclusão

O presente estudo evidencia que a desigualdade de gênero na computação não se limita ao ingresso, estendendo-se às dinâmicas de permanência, pertencimento e conclusão da graduação. A análise quantitativa revelou que, embora a taxa de evasão proporcional feminina (7,1%) se aproxime da masculina (6,9%), essa aparente equivalência obscurece assimetrias estruturais significativas: o bacharelado em Ciência da Computação concentra 67,6% dos cancelamentos femininos, com taxa acumulada de 10,1%, mais que o dobro dos 4,4% registrados em Sistemas de Informação.

Os relatos das estudantes iluminaram os mecanismos invisíveis por trás desses números: a síndrome da impostora, a dupla jornada doméstica e os episódios de discriminação que, mesmo quando sutis, corroem progressivamente a autoconfiança e o senso de pertencimento são fatores que se agravam especialmente no curso de Ciência da Computação. Nesse contexto, o *Include Meninas* demonstrou impacto positivo na criação de redes de apoio e no acolhimento das ingressantes, distinguindo-se pela abrangência de suas frentes de atuação e pelo alcance de mais de mil discentes em dez anos. Ainda assim, os avanços permanecem tímidos em termos absolutos, evidenciando que ações extensionistas precisam ser acompanhadas de políticas institucionais estruturais e contínuas.

Conclui-se, portanto, que promover equidade de gênero na computação é tanto uma questão de justiça social quanto um imperativo para o desenvolvimento científico e tecnológico. Somente a articulação entre ação extensionista, política institucional e transformação cultural será capaz de construir uma computação mais plural, representativa e inovadora.

Uso de Inteligência Artificial

Nesse artigo, as ferramentas de IA generativa Google Gemini e Claude Code foram utilizadas para geração de uma base de texto no setor de análise quantitativa, tradução do resumo e revisão gramatical, verificando a coerência e coesão do texto. Além disso, ela foi utilizada para garantir o total anonimato dos autores, projetos e instituições na fase final de revisão pelos avaliadores.

Agradecimentos

Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI); e pelo Ministério da Mulher (MM) - projeto RENACEE (número do processo 440502/2024-1). Por essas motivações, declaramos nosso agradecimento por todo o investimento realizado e às pessoas voluntárias, o que tornou essa pesquisa científica e o artigo possíveis. Além das instituições, a primeira autora Marianna dedica este estudo às mulheres de sua vida, principalmente à sua mãe, por todo o apoio prestado e o suporte emocional durante a construção dos textos.

Referências

- Barino, R., Dornelas, N., Gomes, A., Gonçalves, G., Rodrigues, R., Santos, R., Boeres, C., Calaza, K., Martins, S., Nascimento, A., and Salgado, L. (2024). Sim, nós podemos. ações para empoderamento de meninas e mulheres na computação. In *Anais do XVIII Women in Information Technology*, pages 47–58, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Coelho, H., Silva, L., Barbosa, S., Silva, A., Silveira, S., and Luz, J. (2024). Bits de ada: ações de estímulo à permanência feminina no curso de bacharelado em ciência da computação do ifma campus caxias. In *Anais do XVIII Women in Information Technology*, pages 415–420, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Artmed, Porto Alegre, 3 edition.
- Medeiros, A., Amorim, A., Cruzado, V., Silva, I., Viana, A., Aguiar, J., Brandão, D., Silva, F., and Coutinho, R. (2024). Promoção de espaços voltados ao incentivo e formação de meninas e mulheres na área tecnológica: Um relato de experiência das alunas atuantes. In *Anais do XVIII Women in Information Technology*, pages 343–348, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Moreira, L., Soares, L., and Martinhago, A. (2024). Inspiring women in technology: Educational pathways and impact. In *Anais do XVIII Women in Information Technology*, pages 325–330, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- NEXUS (2025). Taxa de conclusão feminina em cursos de ciências caiu quase 50%. Acessado em: 9 nov. 2025.
- Sales, A., Reis, L., Lima, M. D., and Silva, D. (2017). Evasão das mulheres dos cursos de computação: Um estudo de caso na paraíba. In *Anais do XI Women in Information Technology*, pages 1167–1170, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Santos, A., e Silva, G. B., Silva, T., Silva, M., Batista, E., and Goncalves, D. (2025). Impacto do programa minascoders: atração, motivação, fixação e ascensão de mulheres na área de ti. In *Anais do XIX Women in Information Technology*, pages 719–729, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Santos, S. A. d. (2005). *Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas*. MEC/UNESCO, Brasília.